

Segue a tradução para o português (variante brasileira):

### **Matrizes, compulsões e transformações**

Quero agradecer a Gigliola e a Cathy Bronstein pela oportunidade de apresentar nosso livro sobre Melanie Klein, recentemente publicado pela Routledge. Nossa gratidão também a Elias e Beth da Rocha Barros, que nos trouxeram até aqui, ao Melanie Klein Trust.

Marina Ribeiro e eu somos professoras em duas universidades brasileiras — a Universidade de São Paulo e a Pontifícia Universidade de São Paulo — onde ensinamos autores psicanalíticos para estudantes de graduação de 18 a 25 anos e para estudantes de pós-graduação e psicanalistas profissionais mais experientes. Os capítulos deste livro foram concebidos para superar a resistência que o pensamento kleiniano frequentemente encontra e para liberar o prazer de aprender com ela. Ao ensinar Klein, surgem inúmeras perguntas, especialmente entre os estudantes mais jovens. Afinal, o que significa elaborar o luto? O que acontece numa sessão analítica? E por que as teorias são todas tão estranhas? Essas são perguntas comuns entre alunos que ainda não leram os textos psicanalíticos e estão tendo seu primeiro contato com os enigmas da análise.

Re-lendo o conhecido texto de Joan Rivière de 1936, “Those wrecked by success” (Os arruinados pelo sucesso), lembro-me de sua pesquisa habilidosamente conduzida sobre a reação terapêutica negativa. Diante da realidade psíquica e de seus mistérios, Klein e Rivière nos ensinam a manter uma humildade atenta. A resistência dos estudantes a aprender psicanálise não chega a constituir uma reação completamente negativa ao aprendizado, mas pode chegar bem perto, para desespero de seus pobres professores.

Organizamos nosso livro de modo a oferecer a melhor resposta possível à pergunta: Por que ler Klein? Qual é sua importância para a Psicanálise contemporânea? São perguntas muito difíceis, e não pretendemos oferecer respostas prontas, apenas acompanhar os leitores com boa criatividade e bom humor enquanto partem em busca das suas próprias respostas.

A estratégia que encontramos para lidar com resistência e recusa em aprender foi recorrer a poemas, romances e filmes que pudessem conferir alguma figurabilidade a

algo que é tão impenetrável em seu núcleo quanto uma sessão analítica é impossível de descrever. As metáforas e poemas em nosso livro foram traduzidos para o inglês, mas perderiam grande parte de seu valor simbólico se os reproduzíssemos aqui, em uma apresentação oral.

Para entender nosso livro, peço que se coloquem no lugar do estudante e finjam que nunca ouviram falar de Melanie Klein. Gostaríamos de dar a vocês uma pequena amostra de nosso modo de apresentar Klein, uma autora que, com o tempo, se tornou um objeto interno de amor e sabedoria. Para estudá-la, convidamos os alunos a lerem seus escritos em primeira mão, mas também nos referimos à Introdução ao Trabalho de Melanie Klein, de Hanna Segal, recentemente reeditada aqui.

Assim, em consonância com nosso estilo, optei por trazer algumas linhas de T.S. Eliot e um pequeno poema de E.E. Cummings que aludem ao começo da primavera e refletem sobre os ciclos vitais da natureza e as transformações que ocorrem no início de muitas das posições depressivas que atravessamos ao longo da vida.

Por meio desses poemas, tocamos na experiência “híbrida, ambígua e ambivalente” do fim do inverno, quando a terra começa a aquecer, mas ainda está coberta de lama, quando a temperatura oscila entre quente e frio, e há uma mistura de memória e desejo, proximidade e distância. Em suma, o mês de abril no hemisfério norte.

The Waste Land T.S. Eliot.

April is the cruellest month, breeding Lilacs out of the dead land, mixing Memory and desire, stirring Dull roots with spring rain. Winter kept us warm, covering Earth in forgetful snow, feeding A little life with dried tubers.

Mas por que abril é “o mês mais cruel”, se é o começo da primavera? Talvez porque, em 1922, o coração do poeta estivesse demasiado ferido para abrigar qualquer esperança, enquanto a Europa lutava para despertar da Primeira Guerra Mundial. Aquele conflito havia sido um inverno tão longo e terrível que poucos imaginariam estar a apenas vinte anos de outra guerra ainda mais cruel.

Pensemos nessa mudança de estação: o sol começa a derreter o gelo, que se transforma em lama, e tudo se torna estranhamente híbrido e desconcertante. Quando deslizamos para a posição depressiva, sentimos uma onda de sentimentos contraditórios,

ambiguidade e ambivalência, à medida que conflitos e impasses começam a surgir. Nessas circunstâncias, é preciso um esforço tremendo para superar a inércia e romper a cápsula narcísica. É difícil acreditar que, depois de um inverno tão longo, ainda possa haver vida sob aquele duro e morto solo; é cruel começar a viver novamente após uma violência que apagou milhares de vidas e tantos desejos e memórias. Nossa vontade de renascer encontra-se sobrecarregada pela dor, e temos de atravessar a terra congelada para finalmente brotar e florescer. Fazer lilases nascerem da terra morta. Agitar raízes opacas com a chuva da primavera. É um nascimento cruel, e a muda que rompe o solo se encontra no meio de um deserto.

Deslizar para a posição depressiva abala nossa estabilidade e nos puxa para fora das rígidas organizações defensivas que construímos através da posição esquizoparanóide, obrigando-nos a aventurar-nos em lugares e atmosferas desconhecidos. Somos invadidos por todas as ansiedades depressivas e paranoides que parecem conspirar contra nós, unindo-se das formas mais imprevisíveis. Os desafios se multiplicam, e nos vemos sem recursos para trabalhar a experiência caótica gerada por um acúmulo de sentimentos para os quais não estamos equipados.

Mais tarde, quando tivermos trilhado o caminho do luto primário e secundário, teremos conseguido uma introjeção estável do bom objeto interno e, se tudo correr bem, voltaremos a sentir e pensar, ver e ouvir os outros, assim como teremos sido vistos e ouvidos de forma mais íntima e pessoal. À primazia das pulsões, Klein acrescenta a importância da experiência compartilhada, intersubjetiva.

Em anos mais recentes, Ronald Britton escreveu “Before and after the depressive position”, no qual nos lembra que as organizações psíquicas coexistem, misturando memória e desejo, alternando-se e nos empurrando para o limiar de uma posição pós-depressiva que precisa então ser desenvolvida. A situação analítica, com suas linhas transferenciais e contratransferenciais, conduz à criação de uma nova realidade psíquica, gerada entre dois sujeitos que procuram, de algum modo, libertar-se do conhecido e das algemas do “estabelecido”. Milênios antes da psicanálise, as atividades artísticas sempre expressaram a necessidade de reformular a maneira como olhamos o mundo e vivemos ao lado dos outros. Precisamos sair do Princípio do Prazer e entrar no Princípio da Realidade, mas também é necessário regredir e avançar para posições pós-depressivas por meio dos sonhos e da criatividade (Britton, Figueiredo, 2026).

Permanecer dentro da posição depressiva como algum tipo de autômato poderia nos tornar irreais, desconectados do verdadeiro contato com a experiência emocional.

Há outro trecho em *The Waste Land* em que o poeta descreve uma cidade irreal nas primeiras horas da manhã:

Unreal City, Under the brown fog of a winter dawn, A crowd flowed over London Bridge, so many, I had not thought death had undone so many.

Segundo críticos literários, a *Unreal City* de Eliot é a Londres moderna de 1922, especificamente o distrito financeiro onde Eliot trabalhava no Lloyds Bank. Sob o nevoeiro marrom de uma aurora invernal, uma multidão fluía sobre a London Bridge, tantos... As pessoas dessa turba, totalmente alheias umas às outras enquanto fazem o trajeto diário em seus ternos escuros e chapéus-coco, com o mesmo jornal dobrado debaixo do braço, tornam-se, elas mesmas, irreais, fantasmas colados aos transeuntes numa cidade irreal. Eliot busca aqui a inspiração em Baudelaire, outro poeta chocado com o crescimento dessas multidões anônimas nas grandes cidades de sua época. A Paris de Baudelaire era ela própria “[an] Unreal city, city full of dreams, where ghosts in broad daylight cling to passers-by.” (Baudelaire)

“I had not thought death had undone so many.” Críticos literários traçam a linha até a *Divina Comédia* de Dante, onde o poeta chega pela primeira vez ao inferno! (*Inferno* 3.55–57.) Como Tyler Malone escreveu num texto sobre o poema para a Poetry Foundation, “A Londres de Eliot, a Paris de Baudelaire e o Inferno de Dante fundem-se num *tableau infernal*.” Os futuros pacientes da psicanálise viriam dessas multidões anônimas, vagando sozinhos no meio uns dos outros, desconectados de sua própria experiência emocional.

A partir de Klein, começamos a considerar a importância da poesia, de outras produções culturais e, especialmente, da situação analítica como instrumentos para escapar de estados de submissão ao estabelecido e da necessidade de ir além da posição depressiva. Acredito que a submissão cega ao Princípio da Realidade poderia nos tornar “irreais”, estranhos a nós mesmos e aos outros, anônimos entre uma multidão de fantasmas.

A empatia e a ideia de contenção, presentes em Klein, nos conduzem à ideia de reverie em Bion; trabalhando a partir desses autores, podemos, hoje, cultivar a paciência do

ainda não saber o que está acontecendo na realidade clínica, mantendo-nos num estado de não-integração, onde toleramos o caos, apenas para depois lançar novas interpretações, novos insights e novas paisagens.

Desde o início de sua carreira, Klein percebeu que o cerne da vida psíquica é lamentar o vivido e entrar no tempo histórico, algo que só é possível por meio do sonho compartilhado. Ela chama nossa atenção para toda a ferida, a fragmentação e a desamparação nas pessoas. O analista sempre se esforçará para encontrar o paciente onde ele ou ela está: perdido, sofrendo, fragmentado, odioso e às vezes perverso, mas quase sempre em pânico e paranoico, à espera da punição que virá do Superego Arcaico ou das Forças do Destino, vivendo sob o peso esmagador de uma culpa devastadora. Em contraste com toda essa violência, desejos inconscientes por reparações com os pais ou para corrigir as injustiças do mundo podem surgir, evocando sentimentos igualmente poderosos de impotência.

A psicanálise kleiniana nos ajudou a romper o ciclo de violência derivado do trauma e do abuso. Se nos apegarmos à destruição, seja em voz ativa ou passiva, e nos sentirmos destruídos ou destruidores, o espaço psíquico se fecha, e perdemos a chance de criar um lugar possível onde curar o deserto.

Para concluir estas breves palavras, lembro-me de um poema que pode expressar tanto a posição depressiva quanto a pós-depressiva em seus estágios mais trabalhados e processados. O poema começa com narcisos, essas flores amarelas que sinalizam o início da primavera no hemisfério norte. Durante o inverno, elas desaparecem completamente, mas em abril florescem de repente, todas de uma vez, saindo da terra morta.

O poema de E. E. Cummings é um brado: “let's press ahead, let's leave the past in the past, feel the fleetingness of things. There is still so much work to be done and so many depressive positions to process.”

O poeta nos lembra que “the goal of living is to grow”, “the aim of waking is to dream”. Em nossos relacionamentos emocionais e na relação analítica, devemos nos mover “beyond whatever mind may comprehend”...

Se tivermos firmemente introjetado os bons objetos, quem sabe, talvez algum dia estaremos mais livres das compulsões à repetição e do ciclo de violência que nos aprisionam. Quando o tempo de tempos nos libertará? Não faz mal sonhar.

in time of daffodils (who know  
the goal of living is to grow)  
forgetting why, remember how  
in time of lilacs who proclaim  
the aim of waking is to dream,  
remember so (forgetting seem)  
in time of roses (who amaze  
our now and here with paradise)  
forgetting if, remember yes

in time of all sweet things beyond  
whatever mind may comprehend,  
remember seek (forgetting find)

and in a mystery to be  
(when time from time shall set us free)  
forgetting me, remember me”

— E.E. Cummings

### **Trecho do poema “The Waste Land” [A Terra Desolada] de T.S. Elliot.**

Abril é o mês mais cruel,  
gerando lilases da terra morta,  
misturando memória e desejo,  
agitando raízes dormentes com a chuva da primavera.  
O inverno nos manteve aquecidos,  
cobrindo a Terra com neve esquecida,  
alimentando um pouco de vida com tubérculos secos.

Cidade irreal, cidade cheia de sonhos, onde fantasmas em plena luz do dia se agarram aos transeuntes.’ (Baudelaire)

Outro trecho de “The Waste Land” “A Terra Desolada” de T.S. Elliot

Cidade irreal,

Sob a névoa marrom de um amanhecer de inverno,

Uma multidão fluía sobre a Ponte de Londres, tanta gente,

Eu não imaginava que a morte tivesse levado tantos.